

LUCIA BERLIN

Manual da faxineira

Contos escolhidos

Tradução

Sonia Moreira

Copyright © 1977, 1983, 1984, 1988, 1990, 1993, 1999 by Lucia Berlin
Copyright © 2015 by espólio de Lucia Berlin
Copyright do texto “O que importa é a história” © 2015 by Lydia Davis
Copyright do posfácio © 2015 by Stephen Emerson
Publicado mediante acordo com Farrar, Straus e Giroux, LLC, Nova York.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

A Manual for Cleaning Women

Capa

Tereza Bettinardi

Ilustração de capa

Hoover/ Bridgeman Images/ Fotoarena

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Nana Rodrigues

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Berlin, Lucia

Manual da faxineira : contos escolhidos / Lucia Berlin ; tradução
Sonia Moreira. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: A Manual for Cleaning Women.

ISBN 978-85-359-2811-2

1. Contos norte-americanos 1. Título.

16-07085

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.facebook.com/companhiadasletras

[instagram.com/companhiadasletras](https://www.instagram.com/companhiadasletras)

twitter.com/cialetras

Sumário

Lavanderia Angel's,	7
Dr. H. A. Moynihan,	14
Estrelas e santos,	24
Manual da faxineira,	35
Meu jóquei,	52
El Tim,	54
Ponto de vista,	66
A primeira desintoxicação,	72
Dor fantasma,	78
Mordidas de tigre,	88
Caderno de notas do setor de emergência, 1977,	112
<i>Temps perdu,</i>	125
<i>Carpe diem,</i>	135
<i>Toda luna, todo año,</i>	141
Boa e má,	160
Melina,	175
Amigos,	185

Incontrolável, 192
Carro elétrico, El Paso, 197
Sex appeal, 201
Moleque adolescente, 208
Passo, 211
Desgarrados, 215
Dor, 226
Tremoços-de-flor-azul, 244
La Vie en rose, 255
Macadame, 263
Querida Conchi, 264
Boba de chorar, 277
Luto, 296
Panteón de Dolores, 304
Até mais, 317
Um caso amoroso, 328
Quero ver aquele seu sorriso, 342
Mamãe, 382
Carmen, 391
Silêncio, 403
Mijito, 420
502, 449
Aqui é sábado, 457
B. F. e eu, 473
Espere um instante, 478
Voltando para casa, 488

“O que importa é a história” — *Lydia Davis*, 504

Posfácio — *Stephen Emerson*, 519

Agradecimentos, 527

Sobre a autora, 529

Lavanderia Angel's

Um índio velho e alto, de calça Levi's desbotada e um belo cinto zuni. Cabelo branco comprido, amarrado com um fio de lã grená na altura do pescoço. O estranho foi que, durante mais ou menos um ano, aconteceu de irmos à Angel's sempre na mesma hora. Mas não nas mesmas horas. Quer dizer, eu tanto podia ir às sete da manhã de uma segunda-feira como às seis e meia da tarde de uma sexta que ele já estava lá.

Com a sra. Armitage tinha sido diferente, embora ela também fosse velha. Isso foi em Nova York, na lavanderia San Juan, na rua 15. Os donos eram porto-riquenhos. As máquinas transbordavam espuma pelo chão. Eu era uma jovem mãe na época e lavava fraldas nas manhãs de quinta-feira. Ela morava no apartamento em cima do meu, o 4-C. Uma manhã, na lavanderia, ela me entregou uma chave. Disse que se eu não a visse às quintas-feiras isso queria dizer que ela tinha morrido e perguntou se eu poderia por favor ir lá encontrar o corpo dela. Era uma coisa terrível de pedir a alguém; além disso, desse dia em diante eu me vi obrigada a lavar roupa às quintas-feiras.

Ela morreu numa segunda-feira e eu nunca mais voltei à lavanderia San Juan. O zelador a encontrou. Não sei como.

Durante meses, na Angel's, o índio e eu não falamos uma palavra um para o outro, mas sentávamos lado a lado em cadeiras de plástico amarelas interligadas, como cadeiras de aeroporto. O barulho que elas faziam quando derrapavam no linóleo puído doía nos dentes.

O índio costumava ficar sentado lá, bebericando Jim Beam e olhando para as minhas mãos. Não diretamente, mas pelo espelho pendurado na nossa frente, em cima das máquinas de lavar Speed Queen. No início não me incomodou. Um velho índio observando as minhas mãos pelo espelho sujo, entre um aviso amarelado que dizia PASSAR A FERRO \$1,50 A DÚZ e uma oração da serenidade em laranja fosforescente. CONCEDEI-ME, SENHOR, SERENIDADE PARA ACEITAR AS COISAS QUE NÃO POSSO MUDAR. Mas depois eu comecei a me perguntar se ele tinha alguma tara por mãos. Aquilo me deixava nervosa, ele me vigiando enquanto eu fumava, assoava o nariz, folheava revistas de anos atrás. A primeira-dama Lady Bird Johnson descendo as corredoiras.

Por fim, ele acabou me fazendo olhar para as minhas mãos. Eu o vi quase sorrir porque tinha me flagrado olhando para as minhas próprias mãos. Pela primeira vez nossos olhos se encontraram no espelho, logo abaixo de NÃO SOBRECARRREGUE AS MÁQUINAS.

Havia pânico nos meus olhos. Pelo espelho, eu olhei para os meus próprios olhos e de novo para as minhas mãos. Manchas de velhice horrendas, duas cicatrizes. Mãos não indígenas, nervosas, solitárias. Eu via filhos, homens, jardins nas minhas mãos.

As mãos dele naquele dia (no dia em que reparei nas minhas) estavam pousadas cada uma em uma coxa azul e tensa. A maior parte do tempo elas tremiam horrores e ele simplesmente

te as deixava tremer no colo, mas naquele dia ele estava querendo mantê-las paradas. O esforço para impedir que elas tremessem fazia com que os nós cor de tijolo dos dedos ficassem brancos.

A única vez em que eu tinha falado com a sra. Armitage fora da lavanderia tinha sido quando a privada dela transbordou e a água começou a escorrer torrencialmente pelo lustre no meu andar do prédio. As luzes continuaram acesas e a água esguichava arco-íris por cada uma delas. A sra. Armitage segurou meu braço com sua mão fria e moribunda e disse: “É um milagre, não é?”.

O nome dele era Tony. Era um apache *jicarilla* do norte do estado. Um dia, eu não o tinha visto, mas já sabia que a mão elegante que pousou no meu ombro era dele. Ele me deu três moedas de dez centavos. Eu não entendi, quase disse obrigada, mas depois percebi que ele estava trêmulo demais para conseguir pôr a secadora para funcionar. Sóbrio, é difícil. Você tem que girar o seletor com uma das mãos, enfiar a moeda com a outra, empurrar o êmbolo para dentro, depois girar o seletor de volta para enfiar a moeda seguinte.

Ele voltou mais tarde, bêbado, exatamente na hora em que suas roupas estavam começando a cair, moles e secas. Não conseguiu abrir a porta da secadora e desmaiou na cadeira amarela. Eu dobrava minhas roupas, que estavam secas.

Angel e eu levamos Tony para o chão da sala de passar. Quente. Angel é o responsável por todas as orações e lemas dos AA espalhados pela lavanderia. NÃO PENSE E NÃO BEBA. Angel pôs uma meia molhada e fria na testa de Tony e se ajoelhou do lado dele.

“Irmão, acredite... eu já passei por isso... já estive aí nessa sarjeta onde você está. Eu sei exatamente como você se sente.”

Tony não abriu os olhos. Quem diz que sabe exatamente como outra pessoa se sente é um idiota.

A lavanderia Angel's fica em Albuquerque, no Novo México. Rua 4. Oficinas xexelentas e ferros-velhos, lojas de artigos de segunda mão com catres do Exército, caixas de meias sem par, edições de 1940 de *Good Hygiene*. Armazéns de cereais e motéis para amantes, bêbados e velhas com cabelos tingidos com hena que lavam roupa na Angel's. Noivas chicanas adolescentes vão na Angel's. Toalhas, baby-dolls cor-de-rosa, calcinhas de biquíni que dizem *Quinta-feira*. Os maridos usam macacões azuis com nomes escritos em letra cursiva no bolso. Gosto de ficar esperando para ver os nomes aparecerem na imagem espelhada das secadoras. *Tina, Corky, Junior*.

Viajantes lavam roupa na Angel's. Colchonetes sujos e cadeirinhas de bebê enferrujadas amarradas em capotas de Buicks velhos e amassados. Os reservatórios de óleo vazam, as bolsas de lona de água vazam. As máquinas de lavar vazam. Os homens ficam sentados dentro dos carros, sem camisa, e amassam latas de cerveja vazias.

Mas quem mais lava roupa na Angel's são os índios. Índios pueblos de San Felipe, Laguna e Sandia. Tony foi o único apache que eu conheci, na lavanderia ou em qualquer outro lugar. Gosto de entortar um pouco os olhos e ficar vendo as secadoras cheias de roupas indígenas borrarem as cores vivas e rodopiantes, roxo, laranja, vermelho, rosa.

Eu lavo roupa na Angel's. Não sei bem por quê. Não é só por causa dos índios. Fica do outro lado da cidade, longe à beça de onde eu moro. A um quarteirão da minha casa tem a Campus, que tem ar-condicionado, soft rock ao fundo, revistas *New Yorker*, *Ms.* e *Cosmopolitan*. Esposas de doutorandos ou de professores universitários em início de carreira lavam roupa lá e compram barras de caramelo e coca-cola para os filhos. Como a maioria das lavanderias, a Campus tem um aviso que diz: É EXPRESSAMENTE PROIBIDO TINGIR. Eu rodei a cidade inteira com uma

colcha verde no porta-malas até encontrar a Angel's e seu aviso amarelo: VOCÊ PODE TINGIR A QUALQUER HORA AQUI.*

Eu percebi que a colcha não ia ficar roxa, mas sim de um tom mais escuro e manchado de verde, mas quis voltar assim mesmo. Gostava dos índios e das roupas deles. A máquina de coca-cola quebrada e o chão alagado me faziam lembrar de Nova York. Porto-riquenhos passando e passando pano no chão. O telefone público deles vivia fora de serviço, como a Angel's. Será que eu teria ido encontrar o corpo da sra. Armitage numa quinta?

“Eu sou o chefe da minha tribo”, o índio disse. Antes, ele estava apenas sentado lá, bebericando vinho e olhando para as minhas mãos.

Ele me contou que a mulher dele trabalhava de faxineira em casas de família. Eles tinham tido quatro filhos. O mais novo havia cometido suicídio, o mais velho, morrido no Vietnã. Os outros dois eram motoristas de ônibus escolar.

“Você sabe por que eu gosto de você?”, ele perguntou.

“Não, por quê?”

“Porque você é uma pele-vermelha.” Ele apontou para o meu rosto no espelho. Sim, eu tenho a pele vermelha. E não, eu nunca tinha visto um índio de pele vermelha.

Ele gostava do meu nome, e pronunciava em italiano. *Lu-tchí-a*. Tinha estado na Itália na Segunda Guerra Mundial. Obviamente, havia uma corrente com sua placa de identificação de soldado entre seus lindos colares de prata e turquesa. A placa

* No original, “*You can die here anytime*”. Um erro de ortografia no aviso altera totalmente o sentido da frase, ao trocar o verbo “*to dye*” (tingir) pelo verbo “*to die*” (morrer), de modo que o aviso na verdade diz: “Você pode morrer a qualquer hora aqui”. (N. T.)

tinha um talho enorme. “Foi tiro?” Não, ele costumava roer a placa quando estava com medo ou com tesão.

Uma vez ele sugeriu que fôssemos nos deitar para descansar juntos no trailer dele.

“Os esquimós dizem rir juntos.” Eu aponteí para o aviso em letras verdes fosforescentes: NUNCA ABANDONE AS MÁQUINAS EM FUNCIONAMENTO. Nós dois caímos na gargalhada, rindo juntos nas nossas cadeiras de plástico interligadas. Depois ficamos calados, quietos. Nenhum som a não ser o chacoalhar da água, tão rítmico quanto as ondas do oceano. Com sua mão de Buda, ele segurou a minha.

Um trem passou. Ele me cutucou e disse: “Grande cavalo de ferro!”. E começamos a rir de novo.

Eu tendo a fazer muitas generalizações infundadas sobre as pessoas, por exemplo, todos os negros devem gostar de Charlie Parker. Alemães são horríveis. Todos os índios têm um senso de humor estranho, como o da minha mãe. Uma das preferidas dela é a do sujeito que está abaixado amarrando o sapato e um desconhecido chega perto, dá um tapa nele e diz: “Você vive amarrando o sapato!”. Outra é de um garçom que está servindo fregueses, entorna a sopa no colo de um deles e diz: “Ih! Entornei o caldo”. Tony costumava repetir essas histórias para mim em dias de pouco movimento na lavanderia.

Uma vez ele estava muito bêbado e agressivo e se meteu numa briga com uns caipiras no estacionamento. Eles quebraram a garrafa de uísque dele. Angel disse que compraria outra garrafa se Tony fosse com ele para a sala de passar e ouvisse o que ele tinha a dizer. Eu transferi as minhas roupas da máquina de lavar para a secadora enquanto Angel conversava com Tony sobre a coisa do “Um dia de cada vez”.

Quando saiu da sala de passar, Tony pôs as moedas dele na minha mão. Eu botei as roupas dele na secadora enquanto ele

batalhava para abrir a tampa da garrafa de Jim Beam. Antes que eu tivesse tempo de me sentar, ele berrou para mim:

“Eu sou o chefe da minha tribo! Eu sou um chefe apache! Merda!”

“Vai à merda, chefe!” Ele estava apenas sentado lá, bebendo e olhando para as minhas mãos pelo espelho.

“Então por que é que é você que lava a roupa dos apaches?”

Não sei por que eu disse isso. Era uma coisa horrível de dizer. Talvez eu achasse que ele fosse rir. Ele riu, de fato.

“De que tribo você é, pele-vermelha?”, ele perguntou, observando as minhas mãos pegarem um cigarro.

“Sabe quem acendeu o meu primeiro cigarro? Um príncipe! Você acredita?”

“Claro que acredito. Quer fogo?” Ele acendeu o meu cigarro e nós sorrimos um para o outro. Estávamos muito próximos e aí ele desmaiou e eu fiquei sozinha no espelho.

Também havia uma moça jovem lá, não no espelho, mas sentada perto da vitrine. O cabelo dela encaracolava no vapor, delicado como os de Botticelli. Eu lia todos os avisos. DEUS ME DÊ CORAGEM. BERÇO NOVO, NUNCA FOI USADO — BEBÊ MORREU.

A moça pôs as roupas dela num cesto azul-turquesa e foi embora. Eu levei minhas roupas para a mesa, dei uma olhada nas de Tony e pus mais uma moeda na secadora. Estava sozinha na Angel’s com Tony. Olhei para minhas mãos e para meus olhos no espelho. Belos olhos azuis.

Uma vez eu fiz um passeio de iate ao largo da costa de Viña del Mar. Filei meu primeiro cigarro e perguntei ao príncipe Ali Khan se ele tinha fogo. “*Enchanté*”, ele disse. Mas não tinha fogo.

Dobrei minhas roupas e, quando Angel voltou, fui para casa.

Não consigo me lembrar quando foi que me dei conta de que nunca mais vi aquele velho índio.